

O Imaginário religioso na construção de subjetividades nômades: O fenômeno da migração religiosa.

Amauri Carlos Ferreira- Dr em Ciências da Religião, Professor da PUC-Minas

Yonne de Souza Grossi- Mestre em Ciência Política, professora da PUC-Minas

Email: mitolog@pucminas.br

GT - Religião e ciência: tensão, diálogo e experimentações

RESUMO

O campo do imaginário religioso tem seu fundamento em narrativas sagradas que podem ser compreendidas a partir de categorias míticas e utópicas. A primeira remonta à origem da religião, permitindo entender o sentido da fundação dos fenômenos religiosos ; a segunda abre possibilidades para se apreender migrações religiosas a partir de utopias construídas por subjetividades nômades. Tal pressuposto permite compreender narrativas sagradas em tempos históricos que configuram imaginários epocais, sendo representados pelo deus romano, Jano, com suas duas faces contrapostas. O caminho escolhido pelo estudo ancora-se teoricamente em Mircea Eliade e Ernest Bloch, respectivamente, em concepções referentes ao sagrado e aos sonhos acordados. Assim, a comunicação está circunscrita à interseção entre religião e ciência, que traz o paradoxo do imaginário como elemento aglutinador na compreensão de grupos / indivíduos em procedimentos migratórios.

Palavras-chave: imaginário religioso, subjetividade nômade, migração, imigração religiosa.

O Imaginário religioso na construção de subjetividades nômades: O fenômeno da migração religiosa.

Amauri Carlos Ferreira- Dr em Ciências da Religião, Professor da PUC-Minas

Yonne de Souza Grossi- Mestre em Ciência Política, professora da PUC-Minas

*No princípio era o barro e não a pedra,
mas lá já estava o sonho, mesmo que
fosse fruto de uma violação ao sagrado.*

Sandra Jatahy Pesavento

Jano é um deus itálico. Uma divindade que possui faces contrapostas, representando passagens abertas. A ele se atribui a invenção dos navios. O deus é considerado como sendo um hábil orador. Olha para frente e para trás e vê as questões em seus diversos ângulos. É um deus dos começos, senhor das passagens. Em uma de suas faces contempla o passado e em outra, o futuro.

À semelhança do deus romano as imagens se constroem a partir de uma legitimação de indivíduos. Porém, algo escapa ao indivíduo crente, pois vê em suas travessias a possibilidade de acoplar à sua fé manifestações religiosas de cunho puramente familiar. Ao olhar para o passado mítico percebe-se que a cidade tem como fundador o fraticida Caim. Ele em desobediência às leis de Deus ao ser expulso do núcleo familiar constitui um mundo diferente daquele projetado pela divindade. O nascimento da cidade instaura a diferença por força da coletividade. A cidade como uma Babel bíblica, surge como um começo instaurador de construção coletiva, mas está destinada a ser o lugar do conflito. Por outro, Sodoma e Gomorra, cidades do prazer, convocam a permanência de indivíduos em necessidades primitivas. O Senhor Deus também convoca Lot a ser apenas o protetor dos subúrbios e não da cidade plural da qual fugira sem deixar vestígios.

Se o olhar para trás petrificou a mulher de Lot, não se justificaria o olhar mítico de Jano para o passado, se não fosse a perspectiva utópica de futuro que a fundação das cidades apontou para Abraão e para Moisés. Desta forma, registrar o passado mítico e o futuro utópico permite-nos entender a construção de subjetividades nômades que se ancoradas na origem e na extensão das religiões permite fluxos migratórios.

Do imaginário religioso: mito e utopia

Torna-se complexo, para a maior parte dos estudiosos, investigar o imaginário como objeto de pesquisa, devido à constituição de elementos-imagens que organizam um dever-ser para o sujeito. Quando se tematiza o imaginário quase sempre se projetam dimensões políticas, econômicas e sociais. A existência de imagens construídas pelo sujeito representa *lugares de memória*, tecendo uma história de seu existir naquele momento. Em sua origem, o imaginário configura uma imagem ou realidade secundária, torna-se semelhante ao que apreende, uma aparência constituída pela reflexão do homem. O imaginário é, nesse sentido, uma representação das coisas que existem no mundo.

O conceito de imaginário aqui abordado é o que permite compreender origem e extensão de indivíduos ou grupos em perspectivas utópicas, em processos migratórios de cunho religioso, mediante o agenciamento de duas categorias que compõem o imaginário: mito e utopia.

O mito segue a esteira de Mircea Eliade, quando lembra que o mito, “conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do princípio. Em outros termos, o mito narra como graças às façanhas dos entes sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o cosmo ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma criação. Ele relata de que modo algo foi produzido e começou a existir...”(ELIADE, M, 1972, p.11).

A definição de Eliade, num primeiro momento, auxilia-nos para uma compreensão parcial do imaginário religioso no que se refere à existência de instituições. As instituições ordenam direitos e deveres que circunscrevem um mito fundador, ou de criação. Num segundo momento, as instituições representando o mito primordial, estabelecem seus dogmas e o dever-ser para os sujeitos. Ora, a construção mítica do imaginário religioso parece objetivar-se em instituições sedimentadas historicamente, que por sua vez, remontam a um mito de criação e, posteriormente, à instauração de leis e dogmas que devem ser seguidos pelos fiéis.

A utopia, como um desejo humano voltado para o futuro com raízes no passado, ressuscita o concreto colocando fim à utopia abstrata. Nessa direção, a utopia apóia-se em dois pilares fundamentais: o desejo e o símbolo, que constituem a busca de um lugar

ainda não alcançado. Para Ernest Bloch sua função “é a de resgatar a cultura humana da preguiça da mera contemplação sobre cumes já conquistados e devolver-lhes a verdadeira imagem da esperança humana, desmascarada dos emaranhados da ideologia.”(BLOCH,1977,p.148).

A utopia religiosa permite a compreensão da relação com o passado mítico e a esperança de uma vida futura .O processo de busca permite o acoplamento de bens simbólicos que desembocam em conflitos de valores.A esperança religiosa move os indivíduos e os fazem criar representações de uma origem que compõe um imaginário carregado de fundamentalismos.

Segundo Le Goff, “para se estudar o imaginário é inevitável a questão das imagens.” Consideramos também relevante a importância das imagens na concepção do imaginário religioso, pois, a memória histórica retorna lembranças que representam imagens vivenciadas no passado.

Le Goff, no entanto, considera que o imaginário não pode confundir-se com o simbólico, mas apenas fazer parte de sua trama. Destaca ainda como exemplo lapidar, estátuas dos reis de França colocadas em portais reais das catedrais, afirmando que esses reis atualizam a realeza antiga de Judá. Mostra também que as estátuas são simbólicas por testemunharem a correspondência entre o Antigo e o Novo Testamento. Por outro lado, aponta como exemplo, um tipo de relação que não é simbólica, quando examina a diferença entre a catedral percebida por Vitor Hugo e a apreendida por Quasímodo. Um a descreve na ótica do simbólico, o outro, como uma catedral imaginável.

No campo do imaginário religioso, a representação ocupa lugar sagrado, onde as imagens concebidas pelos sujeitos demarcam uma configuração religiosa que os indivíduos possuem do mundo. O imaginário religioso, em nosso entender, integra projetos religiosos de instituições que, de forma imperativa, acionam o vetor de imagens-representações na mente de sujeitos que as internalizam. Por outro lado, sujeitos religiosos vivenciam e reproduzem as configurações assimiladas como um ethos sagrado e verdadeiro. Nessa direção, os sujeitos religiosos passam a reproduzir esse ethos sob a forma de dogmas, construindo histórias que se transmutam em lembranças.

O campo do imaginário religioso, ao se ancorar em narrativas sagradas, abre possibilidades para compreendê-lo através de categorias míticas e utópicas. Examinar a origem da religião é entender o sentido da fundação de seus fenômenos religiosos e criar perspectivas para migrações religiosas e suas utopias construídas por subjetividades nômades.

Da Subjetividade Nômade : o fenômeno da migração religiosa

As imagens constitutivas na mente dos sujeitos representam a fundação mítica e a sua extensão na religião, ou seja, a utopia; mostra a possibilidade de mudança valorativa em relação ao lugar migrado. Para se entender o processo migratório como crucial na transgressão de valores já sedimentados, há fatores determinantes: Por um lado, as instituições de formação mítica religiosa exigem obediência e lealdade ao fundamento primeiro atestando a força formadora do símbolo religioso. Por outro, o elemento de extensão utópica, em contato com outra cultura leva a uma flexibilização de valores de origem. Tal perspectiva permite considerar entender o fator de migração como fundamental na compreensão de fundamentalismos e flexibilização valorativa.

A entrada ou a saída em outros mundos diferentes do já concebido concede aos indivíduos a busca por uma vida mais significativa que a vivida. No entanto, há elementos intervenientes nesse processo como gerador de violência : expulsão do lugar de origem, promessas religiosas em lugares já constituídos por outros indivíduos. Basta refletir sobre processos migratórios bíblicos: expulsão do paraíso, a violência de Caim e a busca da terra prometida. Esses três exemplos dão uma idéia do processo migratório religioso, no qual o primeiro e o segundo força a imigração e o terceiro incentiva a emigração. Essa assertiva permitiria a compreensão de imagens constituídas por elementos de origem e de extensão que levam os indivíduos a uma interação pela força das relações que se constituem. O fato de Caim ser forçado a sair do mundo sagrado leva-o à construção do profano. Não é Caim o fundador da cidade ?

O processo migratório de entrada ou de saída de indivíduos, de forma espontânea ou forçada, traz uma compreensão dos valores religiosos sedimentados na mente dessas pessoas ou na própria constituição de grupos.

O fenômeno do nomadismo na história da humanidade não é novo. Compreendê-lo a partir do aspecto religioso é que se torna uma novidade em termos analíticos. Isto porque a migração religiosa provoca a construção de subjetividades apegadas ao passado de um lado gerando violências e, de outro, adaptações que vislumbram um futuro mesclado de crenças de diversos credos.

Conforme dados da ONU, o mundo assiste a um grande processo migratório de pelo fato de ser o sistema econômico internacional injusto e excludente. Ocorre ainda a migração clandestina, embora migrar seja um dos direitos humanos fundamentais. No entanto, sair de seu país de origem atesta a uma crise de identidade. O que tem levado a uma reflexão de se tentar entender a identidade em transformação, ou seja, uma identidade que se modifica de acordo com mudanças.

Esse movimento configura identidades em metamorfose, expressão criada por Ciampa para não só indicar transformações, como o não posto a mera aparência. O que representa um trabalho de reposição do mesmo, um congelamento de textos identitários.

A construção da identidade social, no que se refere a Castells, sempre ocorre em um contexto marcado por relações de poder. Ele propõe três formas de origem de construção da identidade: A identidade legitimadora, introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação. Identidade de resistência criada por sujeitos que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação; constroem, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência, com base em princípios diferentes que permeiam as instituições da sociedade. A identidade de projeto, quando os sujeitos sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade, capaz a de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação da estrutura social.

A identidade está situada nesta mescla entre o individual e o social, na qual os sujeitos vão se identificando com a própria ação de pertencimento ao mundo. Contudo, por ela não se ancorar em algo fixo, é possível considerá-la como uma aprendizagem no processo da própria ação, na qual a diferença se coloca como contraponto. O que nos leva a compreendê-la no espaço da relação.

Em todo processo de saída, seja forçada ou espontânea, a identificação com a religião de origem se faz fundamental. Até mesmo para se adaptar a outro lugar, torna-se quase que intrínseco ao ser humano o cultivo de sua religião de origem. Entender a construção das identidades nômades pressupõe pensar que a religião é uma das formas de se manter a identidade de origem. Várias religiões começaram seu processo de migração a partir de utopias religiosas. Basta pensarmos nas tribos nômades do Islã ou na peregrinação de Abraão ou mesmo na diáspora cristã. Esses fenômenos representam unidades de referência da extensão dos ideais utópicos. Trata-se do que Ernest Bloch cunhou de sonhos acordados.

Um dos pontos cruciais atestado pelo imaginário no processo de migração forçada ou de escolha seja do campo para a cidade ou de migrações temporárias, inclui valores

religiosos que aos poucos vão apresentando de forma sutil mudanças pelo novo estilo de ser de grandes cidades. A vida rural evidencia uma forma lenta de organização do trabalho e de uniformidade nas relações pessoais que, ao mesmo tempo, demandam espaços de convivência diversos. Estes espaços na metrópole produzem *conurbações*, termo criado por Patrick Geddes para “designar as aglomerações urbanas que invadem uma região toda pela influência atrativa de uma grande cidade.”(CHOAY,1997,p.2) As conurbações alteram o modo de vida religioso e esta alteração gera conflitos, uma vez que há dificuldade das religiões em lidar com o modo de vida acelerado dos habitantes das metrópoles.

A tendência do migrante é manter sua religião de origem, no entanto, nem sempre isto é possível devido ao processo trans-cultural das cidades e de acolher religiões diferentes daquela concebida no país. Se há dificuldades intrínsecas nesse processo, as migrações têm o poder de favorecer mudanças na própria religião ou nas religiões com as quais mantêm relação. O contato com contextos culturais diferentes leva a um estado de readaptação, gerando o que pode ser chamado de extensão da religião de origem, ou em alguns casos de mitificação desse lugar. A migração ao proporcionar um fluxo religioso em direção às metrópoles permite um processo de oferta religiosa na qual a subjetividade torna-se nômade. Por outro lado, o processo migratório pode levar a um fortalecimento da religião a partir de encontros com outros migrantes, formando assim uma identidade religiosa migrante.

Na construção de subjetividades nômades, o encontro com culturas diferentes abre possibilidades de se perceber a origem e a extensão religiosa, tendo em vista os movimentos migratórios que carregam a ilusão de retorno às origens. Neste processo de saída de um lugar e entrada em outro emerge uma identidade em metamorfose, na qual pode ocorrer significação da tradição. Em outra perspectiva a mobilidade social entre as religiões tem permitido compreender um outro tipo de identidade migratória: o consumo de bens simbólicos leva a uma alteração na compreensão do mundo. Para o CEM (centro de estudos da Metrópole) sugere que uma entre três pessoas já mudou de religião. Isso pode revelar que a religião se tornou um bem de consumo, emotivo, que interessa em determinado momento e não em outros. O próprio centro tem apontado que a religião que fornece mais fiéis aos que migram para os evangélicos e os sem religião é o catolicismo embora seja a religião de três quartos dos brasileiros.

Pensar na construção de subjetividades nômades é pensar no aspecto geográfico/religioso do processo migratório, uma vez que as imagens constitutivas na mente dos fiéis leva a uma mudança de identidade. Isto porque há uma necessidade, num primeiro momento básica, o da sobrevivência. Mas é possível viver sem utopias?

O avanço do pentecostalismo em sua oferta de realização rápida dos desejos a partir dos anos 80 do século passado permitiu mudanças dos indivíduos crentes em relação a religião de origem. Tal constatação permite a compreensão do trânsito religioso no espaço urbano. A idéia de trânsito não é nova para estudiosos da religião quando se afirma que ocorre uma diversidade religiosa. No entanto tal diversidade só permite ser identificada no campo da pesquisa qualitativa quando a compreendemos na busca de sentido pelo crente.

A pesquisa quantitativa apesar de oferecer dados da diversidade religioso mostra que no Brasil a tradição é cristã, basta olhar para o último censo no qual as pessoas que se consideram religiosas para percebermos que o processo de mudança encontra-se na mesma religião de tradição Cristã (católicos, protestantes- pentecostais e neo-pentecostais, espíritas kardecistas).

A origem religiosa remete a idéia de representação por imagens que são constitutivas da formação de imaginários religiosos. O fato de se compreender o processo migratório de um lugar em relação a outro ajuda ao pesquisador a entender o trânsito religioso. É evidente que quanto mais a metrópole oferece bens religiosos para o consumo mais o fluxo migratório tende a se consumir. No entanto é preciso chamar atenção para o caráter formativo que se processa a longo prazo na formação da subjetividade. A formação da origem religiosa a partir do simbólico é fundamental pois abre possibilidades para compreender o deslocamento religioso a partir do significado da mudança de credos.

Refletir sobre a migração religiosa é pensar sobre a maneira como as religiões tem educado seus fiéis no que se refere a princípios religiosos. O encontro com a diferença não implica necessariamente a mudança de sentido religioso, mas uma compreensão maior da religião de origem da qual se faz parte.

O processo migratório tem mostrado a crise de fundamentos que as religiões tradicionais cristãs sucumbiram e ao mesmo tempo um diálogo inter-religioso no qual a supremacia cristã nem sempre é vencedora. É importante ressaltar que a idéia do diálogo estabelece unidades de referência rígidas em seus dogmas que pode levar a um processo migratório camuflado que só fica evidenciado na crise de sentido.

Entender subjetividades religiosas nômades é compreender o sentido que o ser humano atribui à vida. Os fluxos migratórios permitem a identificação religiosa, mas não a sua permanência.

O fenômeno da migração religiosa é geográfico e seu entendimento permite compreender o trânsito religioso entre as religiões. Como também, é possível perceber processos adaptativos de uma religião em relação a outra a partir de bens simbólicos sincréticos. Donde a construção de imaginários epocais que, do ponto de vista das religiões, conduzem a extremismos e relativismos.

É a partir de imagens criadas por migrações forçadas ou espontâneas que as subjetividades nômades constroem novas identidades, mediante fenômenos migratórios sejam geográficos ou religiosos.

Referências Bibliográficas

ANTICO, Claudia. Porque Migrar? In: PATARRA, N. BAENINGER, R (Orgs). Migração, Condições de vida dinâmica urbana-São Paulo- 1980-1993. Campinas: UNICAMP, 1997, p.97-113.

BLOCH, Ernest. Princípio Esperança. Edición Espanhola, 1977.

ELIADE, M. Mito e Realidade. São Paulo: Perspectiva, 1972.

CIAMPA, Antônio da Costa., A Estória do Severino e a História da Severina Um ensaio de Psicologia Social. São Paulo : Brasiliense, 1987.

CONSTANÇA, Marcondes (Org.) Paul Ricoeur. Ensaios. São Paulo : Paulus, 1998.

FERREIRA, Amauri Carlos. *Ensino Religioso nas Fronteiras da Ética*. Petrópolis: Vozes, 2^a ed., 2002.

HALL, Stuart. Quem Precisa da Identidade? In: Identidade e Diferença. Tomaz Tadeu da Silva (org). Petrópolis : Vozes, 2000.

KURTZ, Robert. Barbarie, Migração e Guerras de Ordenamento Mundial. In: Serviço Pastoral dos Migrantes (ORG.) Travessias na desordem Global, São Paulo : Paulinas, 2005.